

## *Bookishness: Loving Books in a Digital Age*

JESSICA PRESSMAN (2020). *Bookishness: Loving Books in a Digital Age*. New York: Columbia University Press, 216 pp.



O adjetivo «*bookish*» refere-se a alguém que mantém uma relação próxima com os livros. Porém, tal como Jessica Pressman torna claro no volume aqui analisado, a palavra «*bookishness*» não representa apenas a paixão pelos livros nutrida por bibliófilos ou bibliómanos. De facto, o termo «*bookishness*», que manteremos ao longo desta recensão por ausência de um termo equivalente capaz de traduzir de forma satisfatória a sua rede de significados excede o mero colecionismo e a incessante busca pelo conhecimento.

Não é a primeira vez que Jessica Pressman, professora de inglês e literatura comparada na San Diego State University, escreve sobre *bookishness*. Em 2009, num artigo intitulado «The Aesthetic of Bookishness in Twenty-First-Century Literature» (e no contexto do debate em torno do futuro do livro face ao seu oponente digital), Jessica Pressman referia que a suposta ameaça trazida pelas tecnologias digitais havia sido transformada numa fonte de inspiração para experiências criativas (especialmente em romances publicados na primeira década do novo milénio) com as propriedades físicas do livro. Pressman considerava que a estética de *bookishness*, então associada pela autora a um fetichismo com a textualidade e com o livro, não seria, na verdade, um fenómeno novo, pois romances como *The Life and Opinions of Tristram Shandy, Gentleman* (1759) de Laurence Stern já haviam mobilizado diversas características físicas do livro para criar narrativas autorreflexivas. Porém, com a introdução dos *media* digitais, a estética de *bookishness* surgia acompanhada de uma vertente suplementar: confrontado, mais uma vez, com a possibilidade da sua morte,

o livro apropriava-se agora de alguns atributos do meio digital para garantir a sua regeneração.

De acordo com a autora de *Bookishness: Loving Books in a Digital Age*, alguns romances publicados no início do século XXI apresentavam o livro de papel como um formato multimédia, isto é, como um suporte contaminado pela hibridez manifestada pelo meio digital. Simultaneamente, obras criadas para serem lidas exclusivamente através de um computador, tal como *Entre Ville* (2006) de J. R. Carpenter, continuavam a apresentar vestígios de *bookishness*. No seu texto publicado em 2009, onde já era possível reconhecer os alicerces da sua teoria sobre o fenómeno de *bookishness*, a autora afirmava que o livro tinha perdido o seu lugar de destaque enquanto principal fonte de conhecimento, sendo essa função agora dividida com o computador. Como consequência dessa perda, o livro havia sido transformado num objeto fundamentalmente literário, partilhando o seu papel de disseminador de conhecimento com as vastas redes de informação. Segundo Pressman, ao longo deste processo, o meio digital teria obrigado o livro a uma autorreflexão e a um esforço acrescido para apresentar-se como renovado e pertinente face a mais uma transformação tecnológica. Em reação ao avançar da revolução cultural encetada pelo computador, que reclamava agora o seu lugar como modo privilegiado de acesso à informação (e que já havia concluído as suas primeiras viagens exploratórias no território do literário), o livro assumiria os contornos de um objeto de culto. Ainda em 2009, Pressman advertia que não estaríamos, contudo, perante o desaparecimento do livro, mas perante mais uma das suas mutações.

No seu novo livro, vencedor do N. Katherine Hayles Prize 2021, Jessica Pressman recupera o tema da estética de *bookishness* e, distanciada por mais de uma década das suas primeiras investigações sobre o tema, afirma que este fenómeno é agora impossível de contornar (p. 3). Esta mesma estética é associada a um «movimento criativo» que explora e manifesta o seu amor pelos livros (p.1) de variadas formas. O fenómeno de *bookishness* surge, mais uma vez, definido como uma reação à possibilidade de o livro impresso vir a tornar-se obsoleto numa era digital.

Desde a publicação do artigo acima citado, a importância das redes sociais na vida dos seus utilizadores foi intensificada e os dispositivos móveis evoluíram no sentido de permitir, através da omnipresente rede sem fios, uma existência *online* ininterrupta. A estética de *bookishness* dispunha agora de ferramentas suplementares que originariam novas manifestações deste fenómeno. Capas de telemóveis ou computadores em forma de livro, bijuteria com miniaturas de livros, e roupa de cama estampada com estantes de livros, são apresentados

como os exemplos mais evidentes deste revivalismo. Porém, ao longo da leitura da obra de Pressman será necessário ter em mente que essa nostalgia tem como objeto algo que nunca chegou a desaparecer ou sequer a esmorecer. Como é aliás frisado pela autora, o meio digital permitiu reunir novas comunidades em torno do livro e foi também graças ao meio digital que a estética de *bookishness* encontrou formas de expressão alternativas. Interessa sobretudo à autora entender o que o livro significa para os seus leitores ou para aqueles que, simplesmente, apreciam as suas características formais (Pressman refere que a leitura de um livro não é uma condição fundamental para a estética de *bookishness*, pois é possível ser aficionado de livros sem lê-los).

*Bookishness: Loving Books in a Digital Age* apresenta um conjunto de análises literárias de obras, sobretudo romances, com as quais Jessica Pressman teve contacto ao longo de uma década. Sendo assim, este trabalho não se foca nas mais recentes abordagens teóricas aos diversos temas explorados, mas num exercício de acompanhamento deste fenómeno, razão pela qual este estudo pode ser visto como um diário de viagem e como uma recolha de reflexões (por vezes, reavaliações, como é o caso da releitura de *House of Leaves*, p. 117) sobre a metamorfose do livro instigada pelo meio digital. Desta forma o estudo de Pressman emerge, ele próprio, como um arquivo das transformações e reações motivadas pela introdução das tecnologias digitais no espaço literário.

Para além de centrar a sua atenção em obras literárias, algumas delas canónicas, a autora invoca diversos textos teóricos fundamentais, pelo que o seu estudo poderá interessar sobretudo a investigadores que se interrogam sobre o lugar do livro na era digital ou que desejam saber mais sobre a estética de *bookishness*. No entanto, dado o carácter parcialmente autobiográfico deste livro e a forma como, paciente e cuidadosamente, a autora desenvolve o seu argumento e analisa as diferentes obras, *Bookishness: Loving Books in a Digital Age* poderá também ser lido por estudantes de literatura e, claro está, por todos os amantes de livros.

Para a autora, o livro é um *medium* residual aparentemente inativo, mas que ainda conserva algum poder de influência sobre a nossa cultura (p. 7). A sua imagem original de gerador de conhecimento, de transmissor de histórias, ou catalisador de emoções, surge agora esbatida, pois as suas funções originais, a de informar ou deleitar, são hoje partilhadas com outros formatos. No entanto, a mercantilização da sua imagem através de acessórios de «moda livresca» (p. 10), e a representação do livro em esculturas construídas com recurso às suas páginas e lombadas, indicam que nem todos os leitores estão preparados para uma despedida. Pressman refere-se ao medo, partilhado por inúmeros

leitores de livros impressos, de perder um *medium* desafiado tantas vezes – pela televisão, pelos jogos de computador –, e explora as raízes desse medo, analisando as suas mais ínfimas manifestações.

Ao tecer uma análise cuidada de diferentes perspetivas sobre o livro, torna-se evidente que a autora não pretende reacender o antigo debate entre o velho e o novo, mas analisar este revivalismo como um fenómeno cultural que permeia gerações e fronteiras geográficas. Pressman sabe que os *media* não são ilhas. Sabe também que estes tecem preciosos intercâmbios entre si, pelo que não podem ser representados como dispersos, mas como membros inalienáveis de uma rede em eterna expansão. Sendo assim, para Pressman, não está em causa o fim do livro impresso, mas o fim de uma determinada aceção do livro impresso.

Pressman associa igualmente à estética de *bookishness* uma vertente consumista no âmbito da qual os livros impressos (ou imitações destes) são adquiridos e expostos em estantes, t-shirts e redes sociais de forma a veicular uma determinada imagem dos seus proprietários. Porém, a autora avança a possibilidade de ser justamente essa exposição do livro, enquanto objeto de culto, que mantém os amantes de livros ligados a este artefacto numa era digital. Sugere ainda que, num mundo cada vez mais subordinado aos interesses das grandes multinacionais, as quais recorrem ao meio digital para monitorizarem os seus consumidores, o fenómeno de *bookishness*, quando relacionado com o momento privado de leitura, com a fisicalidade do livro e com a expressão da individualidade ou dos ideais do seu leitor, poderá assumir os contornos de um ato de resistência e de inconformismo.

O volume aqui analisado é constituído por seis capítulos que parecem convergir para um objetivo fundamental: demonstrar que o livro é, para aqueles que o leem e admiram, mas também para aqueles que o estudam, mais do que o suporte para um texto. No primeiro capítulo («*How and now bookishness*»), Pressman traça uma biografia da estética de *bookishness*, apresentando-a como uma reação às proclamações de «morte do livro». Partindo das obras de Sven Birkets e Nicolas Carr, Pressman começa por dismantelar algumas ideias de livro que promovem o conflito entre este e o meio digital, para a seguir poder descrever um processo de retroalimentação (e não oposição) entre ambos.

Já no segundo capítulo («*Shelter*»), a estética de *bookishness* é relacionada com um fenómeno de escapismo que, assim acredita Pressman, surgiu em reação à impermanência do meio digital. Tendo este fator em conta, a autora analisa diversas obras que espelham um conjunto de ansiedades suscitadas por um mundo em rápida e irrefreável mudança, associando o fenómeno de *bookishness* sobretudo a obras experimentais. Para Pressman, a componente

autorreflexiva e metaficcional destas obras resguarda o leitor da intempérie provocada pelo meio digital, solicitando mais dedicação por parte dele para conseguir estabelecer contacto com o texto e encorajando-o a centrar a sua atenção nas características formais do livro. Neste sentido, o livro é usado como uma espécie de porto de abrigo ou como um objeto com um efeito lenitivo que permite ao leitor desacelerar, escolher o ritmo a que avança na leitura e ponderar demoradamente sobre aquilo que lê.

No terceiro capítulo («*Thing*»), Pressman centra-se na presença física dos livros. Porém, estes não são descritos apenas como coisas expostas nas nossas estantes, mas como retalhos das nossas vidas (p. 61-62). A fetichização dos livros surge, neste capítulo, como uma resposta à vaga de digitalização a que estes foram sujeitos, a qual terá permitido a anulação da sua fisicalidade (p. 64). Com o objetivo de enfatizar a importância de ver o livro como um membro de uma complexa rede de formas de representação, Pressman analisa algumas obras que, através do enaltecimento dos atributos físicos do livro, adotam este objecto como personagem.

Já no quarto capítulo («*Fake*»), a autora explora as diversas formas através das quais o meio digital imita o meio impresso. Adicionalmente, a autora refere-se a um processo segundo o qual a imagem do livro é replicada ou apropriada por um conjunto de objetos. Pressman designa este processo de «*bookish fakery*» (p. 85) e apela a um estudo aprofundado do mesmo. A autora acredita que são esses objetos que permitem manter uma ligação com os livros, auxiliando os seus proprietários a expressar e reafirmar as suas relações, sejam elas individuais ou coletivas, com estes artefactos de papel.

No quinto capítulo («*Weapons*»), a autora analisa a capacidade de o livro se adaptar e sobreviver a mudanças na ecologia mediática como aquelas trazidas pelo meio digital. Na opinião de Pressman, será a literatura experimental que possibilitará uma renovação da literatura. Para a autora, livros como *House of Leaves* (2000) de Mark Z. Danielewski e *The Raw Shark Texts* (2007) de Steven Hall, porque fazem um uso não-convencional do espaço da página e porque se apresentam como puzzles que recorrem simultaneamente a características do meio digital e do meio impresso, permitem responder às ameaças trazidas pela digitalização (p. 109). A fisicalidade do livro é assim tratada como um antídoto da ubiquidade e da transitoriedade do meio digital.

Assim que o leitor alcança o sexto capítulo («*Memorial*»), a estética de *bookishness* é descrita como um fenómeno fundamentalmente nostálgico. Para a autora, utilizado como um arquivo ou como uma extensão protésica da memória, o livro sempre foi um local para conservar o passado vivo (p. 131). No romance

de Jonathan Safran Foer, *Tree of Codes* (2012), a autora identifica a presença de uma tentativa de guardar a recordação de um *medium* que é, ele próprio, construído como um memorial.

Pressman não finaliza a sua viagem sem incluir umas últimas palavras sobre o prazer de leitura e sobre o lugar do literário numa era digital. Em «*Coda*», refere-se à forma como a nossa relação com o livro terá mudado e como esta poderá doravante alternar entre o impresso e o digital. O seu estudo é pontuado por momentos autobiográficos, mas, nesta secção, a autora partilha com o leitor os seus próprios receios e esperanças. Apela ainda, uma última vez, para que a estética de *bookishness*, um fenómeno aparentemente vazio de sentido, seja atentamente analisada.

Neste volume de aproximadamente 200 páginas, Pressman apresenta ao leitor uma série de reflexões sobre o livro enquanto artefacto, enquanto suporte e enquanto representante do literário. A autora pretende entender como a nossa imagem do livro foi alterada pela chegada da tecnologia digital, bem como compreender as razões para continuarmos a amar tanto, por vezes visceralmente, livros impressos. Ao longo da agradável experiência de leitura proporcionada por este texto, o leitor é presenteado com a perspicácia e sensibilidade que caracterizam as análises literárias efetuadas pela autora. Ainda que este estudo seja essencialmente focado na análise de romances, é graças a uma perspetiva livre e múltipla – porque aceita a literatura nos seus diferentes formatos e vê a relação entre *media* como uma extensa colaboração – que a autora divide com o leitor a sua própria paixão pela literatura (e pelo livro). Para além disso, Pressman consegue escrever sobre o que nos liga aos livros impressos numa era digital sem tornar o seu estudo numa apologia do livro, numa declaração de guerra por parte do digital ou em mais um lúgubre texto de despedida.

*Daniela Côrtes Maduro\**

---

\* Daniela Côrtes Maduro é Mestre em Estudos Anglo-Americanos e doutorada em Materialidades da Literatura pela Universidade de Coimbra. Faz parte da equipa de investigação responsável pela criação do *Arquivo Digital do Livro do Desassossego* e é colaboradora do Po-ex.net, *Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa*. Foi investigadora de pós-doutoramento na Universidade de Bremen e editou, em 2017, a antologia *Digital Media and Textuality. From Creation to Archiving* ([transcript] Verlag). É membro integrado do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, onde desenvolve o seu trabalho de investigação.